



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ-UFOPA  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. DOMINGOS DINIZ (CORI)  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**JOAQUIM TERYEKORYE**

**UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO POVO HEXKARYANA: SAÚDE, DOENÇAS E  
ESPIRITUALIDADE**

**HEXKARYANA YEHTXOHO HOKO KOSOMPAMNOHTOHO KOMO HOKONO  
AMNEHRANO THO HOKONO: SAÚDE HOKO, EHERYA YMO KOMO HOKO,  
TOSOHTXEMAXEM ME XARHA NEHXATXKON HATÁ WEWE KOM KE  
TÁHYAWONKOM KE XARHA TÁ ERYEMU YMO KE**

**ORIXIMINÁ-PA  
2024**

**JOAQUIM TERYEKORYE**

**UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO POVO HEXKARYANA: SAÚDE, DOENÇAS E  
ESPIRITUALIDADE**

**HEXKARYANA YEHTXOHO HOKO KOSOMPAMNOHTOHO KOMO HOKONO  
AMNEHRANO THO HOKONO: SAÚDE HOKO, EHERYA YMO KOMO HOKO,  
TOSOHTXEMAXEM ME XARHA NEHXATXKON HATÁ WEWE KOM KE  
TÁHYAWONKOM KE XARHA TÁ ERYEMU YMO KE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Bacharelado em  
Ciências Biológicas, da Universidade Federal  
do Oeste do Pará, *Campus* de Oriximiná  
Professor Dr. Domingos Wanderley Diniz,  
como requisito final para a obtenção do título  
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Eldra Carvalho da  
Silva

Coorientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato de  
Pádua Cância


**ORIXIMINÁ-PA  
2024**





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
CAMPUS DE ORIXIMINÁ  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

### **ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos sete dias do mês de outubro do ano de dois mil e quatro, às dez horas, realizou-se no formato presencial no Auditório da UFOPA Campus Oriximiná, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do discente Joaquim Teryekorye, intitulado “Uma viagem pela história do povo Hexkaryana: Saúde, doenças e espiritualidade”, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas. Os trabalhos foram conduzidos pela professora Eldra Carvalho da Silva, orientadora do discente e presidente da Banca Examinadora, constituída, também, pelos membros convidados Professor Dr. Raimundo Nonato de Padua Cancio, co orientador da pesquisa, Renato da Silva Bandeira e Josiane de Almeida Paulino. Membros da banca examinadora Após apresentação do Trabalho de Conclusão e Curso, a Banca Examinadora passou à arguição do discente. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre a apresentação e defesa oral do discente, considerando-o APROVADO com a nota 9,4, Conceito Excelente. Proclamados os resultados pela presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Eldra Carvalho da Silva, na qualidade de professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso avaliado, lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora.

Documento assinado digitalmente  
 JOSIANE DE ALMEIDA PAULINO  
Data: 07/10/2024 14:20:04-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 RENATO DA SILVA BANDEIRA  
Data: 07/10/2024 11:46:03-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
 ELDRA CARVALHO DA SILVA  
Data: 07/10/2024 16:09:01-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**JOAQUIM TERYEKORYE**

**UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO POVO HEXKARYANA: SAÚDE, DOENÇAS E  
ESPIRITUALIDADE**

**HEXKARYANA YEHTXOHO HOKO KOSOMPAMNOHTOHO KOMO HOKONO  
AMNEHRANO THO HOKONO: SAÚDE HOKO, EHERYA YMO KOMO HOKO,  
TOSOHTXEMAXEM ME XARHA NEHXATXKON HATÁ WEWE KOM KE  
TÁHYAWONKOM KE XARHA TÁ ERYEMU YMO KE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Bacharelado em  
Ciências Biológicas, da Universidade Federal  
do Oeste do Pará, *Campus* de Oriximiná  
Professor Dr. Domingos Wanderley Diniz,  
como requisito final para a obtenção do título  
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Eldra Carvalho da  
Silva

Coorientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato de  
Pádua Cândia

Conceito:

Data de Aprovação \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Título e nome-Orientadora

---

Título e nome

---

Título e nome

## RESUMO

O povo indígena, hoje conhecido como Hexkaryana, é falante de uma língua Karib e vive nas áreas de várzea do rio Nhamundá, um dos afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, no Norte Amazônico, somando cerca de 1.300 pessoas. Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar a história do povo Hexkaryana, com ênfase nas práticas de saúde, doenças e espiritualidade na aldeia Kassawa. Como instrumentos de produção de dados, foi utilizado questionário semiestruturado e conversas *in loco* com os participantes. Foram aplicados questionários a 30 (trinta) indígenas Hexkaryana, na faixa etária entre 49 a 80 anos. As falas dos participantes revelaram que antes da chegada dos missionários americanos, os indígenas, quando doentes, eram curados por meio de magias e remédios, feitos com plantas medicinais e banhas (oléo) de animais. O Pajé era como se fosse um “médico”. Após a chegada dos missionários, veio a cristianização. E as patologias começaram a ser tratadas com medicamentos de laboratórios. Segundo os relatos, ainda há algumas tradições de cura e espiritualidade entre os Hexkaryana, contudo, muito de suas tradições foram perdidas. Rituais de cura, usando magias, ainda são realizados, mas de forma escondida, pois tais práticas foram proibidas nas aldeias pelos missionários, ao longo da imposição dos conhecimentos ocidentalizados.

**Palavras-chave:** Amazônia. Ancestralidade. Indígenas. Saberes tradicionais.

## **ABSTRACT**

The indigenous people, today known as Hexkaryana, speak the Karib language and live in the floodplain areas of the Nhamundá River, one of the tributaries on the left bank of the Amazon River, in the North Amazon, numbering around 1,300 people. This work aimed to describe and analyze the history of the Hexkaryana people, with an emphasis on health practices, illnesses and spirituality in the Kassawa village. As data production instruments, a semi-structured questionnaire and on-site conversations with participants were used. Questionnaires were administered to 30 (thirty) Hexkaryana indigenous people, aged between 49 and 80 years. The participants' statements revealed that before the arrival of American missionaries, indigenous people, when sick, were cured through magic and medicine, made with medicinal plants and animal lard (oil). The Pajé was like a “doctor”. After the arrival of the missionaries, Christianization came. And pathologies began to be treated with laboratory medicines. According to reports, there are still some traditions of healing and spirituality among the Hexkaryana, however, many of their traditions have been lost. Healing rituals, using magic, are still performed, but in a hidden way, as such practices were prohibited in the villages by missionaries, throughout the imposition of Westernized knowledge.

**Keywords:** Amazon. Ancestry. Indigenous. Traditional knowledge.

## ÀRWO KAWONOHNÀ

Amnye rma natxhe toto komo Hexkaryana komo, tàrwonyem me natxhe karib rwon yawo, Nhamundá kwawon me natxhe huhoyen me hamá. Asako ehnà kwawo natxe howehen nyero hama kamàmà yahatakaxho nyero, ehnà ymo (rio) Amazonas yataràn katxho rma àro ha. 1300 natxhe àyakenon komo. Onà ryhe Hexkaryana komo yehtxoho hutwatxho hokono karyehta. Amnyehra kassawa ho àxàtxhàyamohàrà komo hokono, àsoke ryhe nosohtxemetxkonà eheryan komo, àtenà ryhe nehxakonà eheryan komo, àsoke ryhe worokyamo ymo ohtxemano yeryakoná katxo xarha. Aplicar keko questionário komo 30 me marma, onà wyaro komo àtxemnyehànà komo 49 a 80 txemnyehànà komo wya, àrow yaron toko nekarme txkenano 30 komo, toto komo, amnyehra omok hàrà haka ehtokonye missionários komo, toto komo indígenas komo ohxera tehtokonye tosohtxemaxem me nehxatxekonà hatà wewe komo ke hatà, onokna komo katàke xarha, yasà komo me xarha nehxatxekonà hatà, yasà komo ymo nehxakon hatà ohtxemano ynye komo wyaro me hatá àwyanye. Àrow yaron toko nomohtxownà hatà missionários komo, remédio komo yohtxownà hatà, takoronye horyehná ma txeko harhe tà. Segundo relator, amnye rma haxa ryhe hexkaryana yana komo yasà komo me tehtxoho tho komo hokohra harha natxhe, natxow ma hana osonhenà me harha txeko mak ha, tosonxemà me hokohra harha natxe hexkaryana yana komo amnye rma.

**Àrwo-yhutho:** Txetxa tonyhoryemá. Amnyehram komo yexethára. Toto komo. Worokyamo ymo wya ohtxemanoytxoho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1</b>	<b>Ocupação da TI Nhamundá-Mapuera pelo povo Hexkaryana.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2</b>	<b>Breve história do povo Hexkaryana.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3</b>	<b>Povo Hexkaryana da Aldeia kassawa – saúde, doenças e espiritualidade na atualidade.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Área de estudo.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Povo Hexkaryana - espiritualidade.....</b>	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>Os elementos utilizados nos rituais de cura.....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante o período da Colônia e do Império no Brasil, a prestação de assistência na área da educação, saúde e civilização aos povos indígenas era realizada por missionários vinculados a diversas instituições religiosas. Essa abordagem teve como consequência a conversão dos nativos ao cristianismo, muitas vezes acompanhada pelo abandono de suas práticas culturais tradicionais, embora também houvesse muita resistência a esse processo. Infelizmente, isso resultou em impactos devastadores para as populações indígenas, incluindo a propagação de inúmeras doenças infecciosas e parasitárias (Souza, 2016).

A exposição dos indígenas às novas enfermidades, para as quais não possuíam imunidade, contribuiu significativamente para a disseminação de epidemias que dizimaram grande parte dessas populações. A falta de compreensão sobre os mecanismos de transmissão e tratamento dessas doenças agravou ainda mais a situação. Além disso, a imposição de padrões culturais e sociais estranhos às tradições indígenas também contribuiu para o enfraquecimento de suas culturas e, em muitos casos, até para a negação de suas identidades culturais originais (Helms, 2018).

É importante reconhecer esses eventos históricos como parte do impacto negativo da colonização sobre os povos indígenas, que enfrentaram não apenas a perda de vidas devido a doenças introduzidas, mas também a desestruturação de suas sociedades e formas de vida tradicionais (Weiss, 2023).

A chamada Política Indigenista, que era comandada pelo Estado, o qual determinava sobre as assistências voltadas aos povos indígenas, sofria grande interferência do Poder Público, que tinha como estratégia e foco a integralização dos povos indígenas à cultura dos não índios. Mas, ao oposto do que se esperava, a população indígena teve grande crescimento demográfico e sua cultura e costumes estavam cada vez mais fortes e visíveis, passando a reivindicar com frequência e visibilidade os seus direitos à diferenciação étnica (Garnelo, 2012).

Em 1910, no Brasil, nasce o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Entretanto, sendo órgão vinculado ao Ministério de Agricultura, este claramente só se importava com questões relacionadas à propriedade das terras. Então, na década de 1950 surge o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA), que era vinculado ao Ministério da Saúde (MS), objetivando prestar assistência a regiões de difícil acesso. Em 1967

houve a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), porém sempre com insatisfações generalizadas, o que leva os legisladores a definir um modelo de atendimento específico para povos indígenas na Constituição de 1988, com a criação do Sistema Único de Saúde – SUS (Cerqueira, 2016).

Com isso, em 1991, a saúde indígena passa da FUNAI para o MS, o qual cria os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), como base operacional para a política de atenção à saúde das populações indígenas no âmbito do SUS, sob a coordenação da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) (Missionário, 2013). A descaracterização técnica desta última, motivo de permanentes conflitos com as comunidades indígenas e as organizações prestadoras de serviços de saúde, levaram o MS à criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), em 2010, a qual realizou um processo licitatório para que os DSEIs fossem gerenciados por organizações sociais (Maggi, 2014).

Para que houvesse um possível debate acerca da política de saúde indígena de forma consolidada no Brasil, questões históricas, políticas e econômicas específicas tiveram que acontecer anteriormente; até que em 1999, pela Lei Arouca, o Congresso Nacional aprovou a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (Pontes et al., 2021; Teixeira & Garnelo, 2014). Isso só foi possível por conta das transformações que ocorreram no âmbito nacional e internacional, que levou ao reconhecimento dos povos originários como pessoas de direitos, garantindo a eles o alcance da cidadania e da isonomia (Royo, 2004).

O Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS) é gerido pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). As diretrizes desse subsistema são preconizadas pela Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) (Ahmadpour, 2023). Tal política tem como propósito a garantia do acesso dos povos indígenas aos serviços de saúde, o respeito aos princípios e diretrizes do SUS que contemplam a diversidade cultural, geográfica, histórica e política desses povos, o reconhecimento da eficácia de sua medicina, e o direito destes à manutenção de sua cultura (Pontes; Rego; Garnelo, 2015).

A SESAI executa ações através dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), ofertando ações e serviços de Atenção Primária à Saúde (APS) nas terras indígenas. O DSEI é responsável pela articulação da rede de saúde do SUS, tendo como fluxo para a resolutividade do cuidado em saúde os seguintes serviços de saúde: Posto de Saúde (PS), Polo Base de Saúde (PB), Casa de Saúde Indígena (CASAI) e

Unidade de Referência em Saúde do SUS (Pontes; Rego; Garnelo, 2015).

Quando nos aprofundamos sobre o percurso histórico dos povos indígenas, no que se refere aos seus contextos específicos e às suas espiritualidades, nos deparamos com uma rica expressão cultural, que vai muito além da conexão com o sagrado (Carneiro, 2019).

Ao explorarmos a história dos povos indígenas e suas espiritualidades, encontramos manifestações culturais que surgem da conexão com o sagrado e da manutenção e transmissão de conhecimentos ancestrais. À vista disso, destacam-se os rituais xamânicos, a dança, o canto, os elementos vegetais e animais utilizados no processo de cura, tratamento e saúde destes povos (De Lourdes Soares et al., 2023).

Nesse sentido, através deste trabalho, objetivou-se descrever e analisar a história do povo Hexkaryana, com ênfase nas práticas de saúde, doenças e espiritualidade, efetivados na aldeia Kassawa- Alto Rio Nhamundá, para entendermos quais mudanças ocorreram ao longo da história desse povo, os fatores e as possíveis consequências.

Nos tópicos abaixo, eu, Joaquim Teryekorye, estudante indígena do povo Hexkaryana, da Aldeia Kassawa, e graduando do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Oeste do Pará - *Campus* Oriximiná, autor deste trabalho, irei narrar a história do meu povo, segundo o que aprendi com os relatos dos mais velhos de minha aldeia.

### **1.1 Ocupação da TI Nhamundá-Mapuera pelo povo Hexkaryana**

Entre os rios Nhamundá e baixo Jatapu, assim como em outras partes do Território denominado Wayamu (jabuti), encontramos uma rica diversidade de povos (yana). Esse extenso território abriga três Terras Indígenas: Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera e Kaxuyana-Tunayana, além das terras ao longo do baixo curso do rio Jatapu, que ainda aguardam reconhecimento por parte do Estado.

Em geral, nós indígenas Hexkaryana, compartilhamos uma história comum, que se reflete nos casamentos entre nossos grupos, promovendo uma miscigenação que resultou na adoção de uma língua de contato entre os povos. Embora tenhamos diferentes nomes que nos identificam, todos nós somos conhecidos como Hexkaryana.

Para dar conta dessas diferenças e outras, dentro do grande Território Wayamu, distinguimos quatro unidades territoriais, denominadas de acordo com os cursos dos principais rios: Alto Jatapu-Jatapuzinho; Mapuera, Nhamundá – Baixo Jatapu; Trombetas-Cachorro-Turuni (Protocolos próprios de Consulta e Consentimento Prévio dos Povos Indígenas do Território Wayamu, 2020).

Assim como nossos parentes em outras regiões, enfrentamos a expulsão de nossas terras com a chegada dos karaywa (“homem branco”) e o processo de colonização, que se iniciou no século XVI e se estende até os dias atuais. As primeiras vilas coloniais na região apareceram às margens do lago de Faro, hoje um município no estado do Pará, em frente à cidade de Nhamundá, no Amazonas. Éramos diversos povos que habitavam as margens do grande rio Amazonas, cada um contribuindo para a riqueza cultural da região.

As narrativas que nossos avós nos deixaram contam que os karaywa chegaram em grandes embarcações, devastando os recursos de várias aldeias e causando a perda de muitas vidas. Muitas mulheres foram sequestradas e levadas como prisioneiras. Diante dessa realidade cruel, muitos de nós decidiram escapar, optando por subir o rio Nhamundá, que em nossa língua Hexkaryana é chamado de *Yemaná*.

Outros grupos buscaram abrigo ao sul do rio Amazonas, explorando diferentes cursos d'água. Assim, nos separamos. O medo dos karaywa era tão grande que alguns de nós caminhavam a pé pelas margens do rio *Yemaná*, acompanhando seu curso, porque sabíamos que eles estavam nos seguindo.

Nesse movimento rápido e forçado, deixamos para trás nossas plantações e casas. Chegamos à cachoeira que hoje é a aldeia chamada Porteira, onde começam várias quedas d'água em direção à nascente do rio. Lá, cultivamos novas terras, construímos casas e formamos novas aldeias. No entanto, os “brancos” nos encontraram mesmo nesse lugar.

Diante disso, deixamos tudo novamente e seguimos em direção à cachoeira da Fumaça, que fica entre Porteira e o alto Nhamundá. Continuamos subindo, com alguns de nós redescobrimo antigas aldeias e outros formando novas comunidades. Assim, fomos aos poucos expulsos da parte baixa de nossas terras, sendo empurrados para longe das margens do rio Amazonas.

## 1.2 Breve história do povo Hexkaryana

Hexkaryana (**hexka**, veado vermelho; **yana**, povo; **hexkaryana**, povo veado vermelho) é um nome genérico para designar vários grupos de língua e cultura semelhantes. É um povo de língua caribe (ou Karib), cuja população é de aproximadamente 1.300 pessoas que vivem atualmente nos vales dos rios Nhamundá (Amazonas-Pará) e médio Jatapu (Amazonas). O rio Nhamundá corre através da divisa das Terras Indígenas Nhamundá-Mapuera e Katxuyana-Tunayana (Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2022; Instituto Socioambiental, 2012).

Hexkaryana engloba outros grupos que, muito provavelmente, tinham maior autonomia no passado, e que, ainda hoje, em contextos locais, se autodenominam: Kamarayana (**kamara**, onça; **yana**, povo; **kamarayana**, povo onça); Yukwarayana (**yukwarî**, goma de mandioca; **yana**, povo; **yukwaryana**, povo da goma de mandioca); Karahawyana; e Xowyana (Instituto Socioambiental, 2021).

Alguns estudos realizados sobre o nosso povo, como o Caixeta de Queiróz (2015), indicam que a ação missionária entre os Hexkaryana vai ocorrer mais intensamente a partir do final da década de 1940. Segundo o autor,

Se no final do século XIX constatou-se o abrandamento da perseguição e da captura pelos senhores de escravos fugitivos, verificou-se igualmente a continuidade do processo de conversão religiosa, de pregação da fé entre índios e negros, da “descida” dos índios e da formação de “vilas” cristãs. Neste sentido, é necessário apontar que a atual cidade de Oriximiná, do baixo rio Trombetas, foi erguida sobre uma antiga aldeia indígena, sob o comando do padre Nicolino, ele mesmo um índio convertido dos antigos Hixkaryana habitantes do rio Nhamundá, que tinha como missão catequizar os índios do rio Trombetas (Caixeta de Queiróz, 2015, p. 112).

O mesmo autor comenta que uma frente missionária evangélica, conduzida pelo casal Derbyshire, que estavam ligados ao *Summer Institute of Linguistics (SIL)*, “instalou-se junto aos Hixkaryana, no ano de 1958, no rio Nhamundá, onde hoje ainda está situada a aldeia Kassauá”. E destaca que,

[...] apesar de os missionários americanos de Kanashen já, naquela época, terem feito também expedições de proselitismo religioso junto aos Hixkaryana do Nhamundá, a missão do *Summer* instalada ali funcionou como outro polo de atração e, deste modo, impediu uma

migração indígena em massa para a Guiana (Caixeta de Queiróz, 2015, p. 114).

Nessa época em que ocorria esse processo, migraram vários povos do alto rio Nhamundá e até do rio Jatapu, para a aldeia, Kassawa, devido a um surto de epidemias como a gripe e o sarampo, “depois de terem sido atraídos para o Posto de Jatapu (onde hoje está situada a aldeia de Santa Maria), por volta do ano de 1963, por uma ação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI)” (Caixeta de Queiróz, 2015, p. 114). Uma década depois, o SPI abandonou definitivamente essa área.

### **1.3 Povo Hexkaryana da Aldeia Kassawa- Saúde, doenças e espiritualidade na atualidade**

Minha aldeia é constituída por uma Igreja Cristã, um posto de saúde, uma escola e a casa grande, onde realizamos comemorações, como a Festa da Páscoa, Natal e Ano Novo. No entanto, estas novas relações se deram com a chegada dos missionários e com a conversão dos indígenas ao cristianismo evangélico.

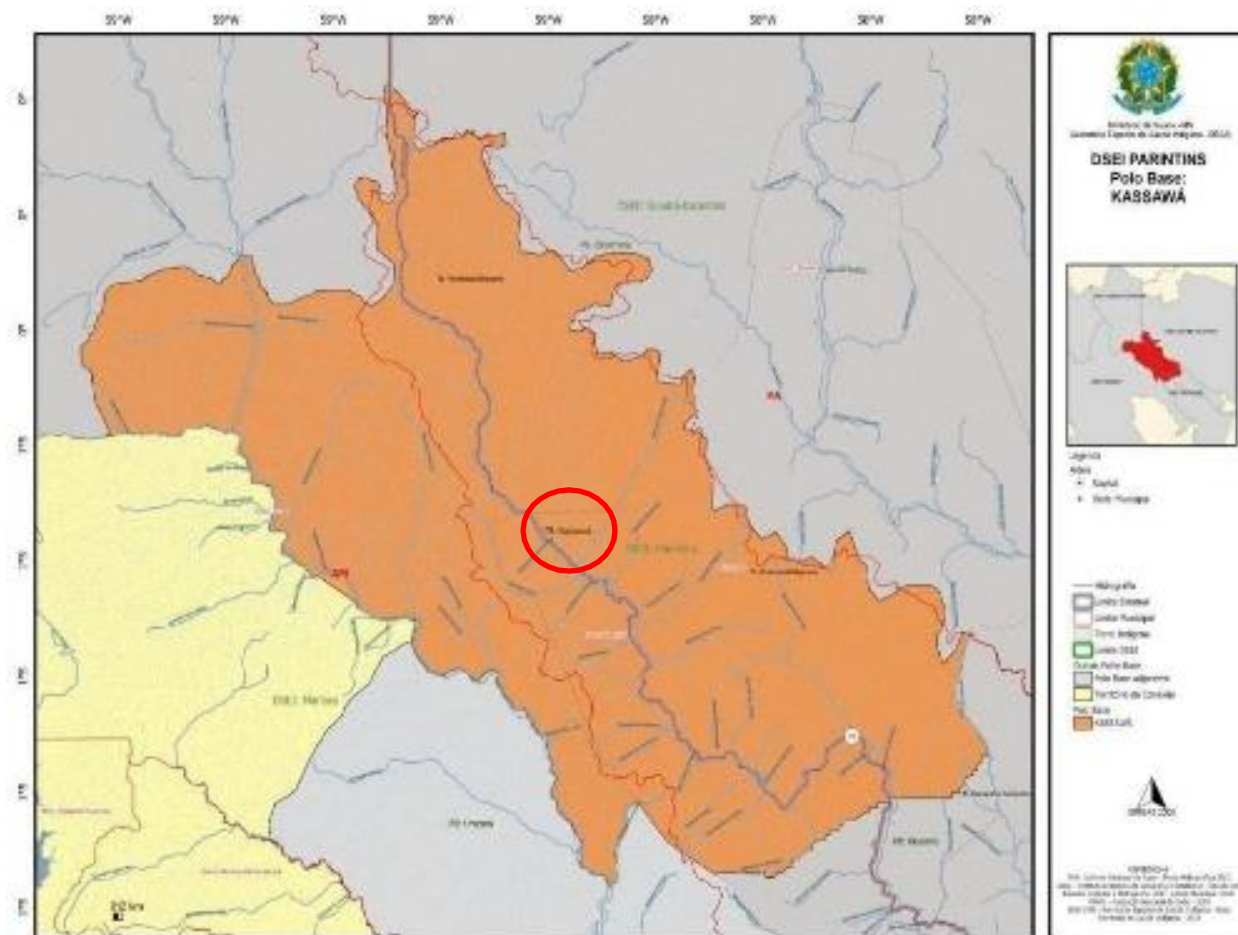
Muitas práticas tradicionais foram proibidas na aldeia Kassawa, como a utilização de artefatos pelos indígenas que praticavam pajelança e rituais de xamanismo, pois tais práticas eram vistas de forma negativa pelos missionários, já que em torno dele todo um contexto de práticas de cura e agências mitológicas era mobilizado. Além disso, relações poligâmicas foram proibidas, a utilização do tabaco, as bebidas fermentadas (o caxiri), bem como houve o abandono de rituais e festas, durante os quais bebidas eram consumidas, mas foram deixadas de serem praticadas (Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2022).

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Área de estudo**

A aldeia Kassawá (apêndice 1) está situada na Terra Indígena (TI) Nhamundá- Mapuera, no interior do estado do Amazonas (figura 1) e possui, segundo dados SIASI (2022), 434 indígenas morando atualmente na aldeia (tabela 1).

**Figura 1-** Mapa de localização da aldeia Kassawa- TI Nhamundá-Mapuera



Fonte: SESAI/MS, 2023.

A Tabela 1, a seguir, mostra a distribuição absoluta da população da Aldeia Kassawa, no ano de 2022, onde consta uma população de 434 pessoas.

**Tabela 1-** Distribuição absoluta da população da aldeia Kassawa, ano 2022

ATENDIMENTO 2022		POPULAÇÃO	AUSENTE
PONTA ALEGRE	35.373	1.845	26
ARATICUM	47.977	1.898	10
UMIRITUBA	49.259	1.612	8
VILA NOVA I	31.477	1.343	29
KURUATUBA	23.075	943	14
NOVA ALDEIA	45.137	2.123	9
VILA NOVA II	39.475	1.828	10
NOVA ESPERANÇA	45.278	1.850	31
SANTA MARIA	37.298	1.629	2
KASSAWA	12.582	434	15
RIOZINHO	14.450	499	18
NOVA ALEGRIA	27.772	1.122	46
TOTAL DSEI	409.153	17.126	218

Fonte: SIASI 2022- DSEI/Parintins.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. Para Gil (2002), as pesquisas exploratórias têm o objetivo de proporcionar visão geral, mais aproximada de determinado fato. Elas normalmente envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas envolvidas ou que possam ter experiências práticas com a questão estudada.

Já a abordagem qualitativa, para Minayo (2007, p. 24), “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, a partir dos quais busca compreender e interpretar a realidade.

Como instrumentos de produção de dados, foi utilizado questionário semiestruturado (apêndice 3) e conversas *in loco* com os participantes, em dezembro de 2020. Foram aplicados questionários a 30 (trinta) indígenas Hexkaryana da aldeia kassawa, na faixa etária entre 49 a 80 anos. Os participantes são identificados no estudo pelas letras A, B, C, D, seguindo esta sequência.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Povo Hexkaryana- espiritualidade

Para que pudéssemos descrever e analisar a história do povo Hexkaryana, com ênfase nas práticas de saúde, doenças e espiritualidade, na Aldeia Kassawa, alguns temas foram abordados nas conversas *in locu* com os participantes: vida na Aldeia, saberes ancestrais e tradicionais; medicina tradicional e práticas indígenas de cura; os serviços convencionais de saúde e os desafios da Saúde Indígena. Foi elaborado um roteiro de perguntas dentro de cada tema (apêndice 3) abordado, para melhor direcionar a questão investigada. Neste estudo damos ênfase à espiritualidade e aos elementos utilizados nos rituais de cura.

Com relação à espiritualidade, as falas dos participantes revelaram que antes da chegada dos missionários americanos, os indígenas, quando doentes, eram curados por meio de magias e remédios, feitos com plantas medicinais e banhas (óleo) de animais, o que foi evidenciado na fala de um dos participantes da pesquisa:

[...] antigamente, quando os indígenas viviam na sua própria aldeia pequena, com sua família, não tinha mais muitas doenças na aldeia; mais comum era malária, diarreia e febre, entre outras. Quando um indígena adoecia numa aldeia, era tratado pelos indígenas e curado tanto com elementos vegetais quanto com animais (Participante A).

Sobre as práticas tradicionais relacionadas à espiritualidade, os entrevistados relataram ainda que

Antigamente o povo indígena Hexkaryana tinha pajé, o nome dele era Atxa, ele morava na Aldeia Watkává, como sua família. Ele era como se fosse um médico. Quando o povo Hexkaryana adoecia, ou estava a caminho da morte, era levado até o pajé (Participante B).

Eles contam que o pajé morava longe. Mas mesmo assim os indígenas levavam os doentes até ele. Viajavam em canoa até a casa do pajé, para que Atxa curasse as pessoas doentes. Os participantes relataram que Atxa tinha amizade com os espíritos. E era assim que o povo Hexkaryana melhorava, através de pajelança, pois o pajé curava através dos espíritos.

Ele conversava com espírito de porco de mato. Com isso, o pajé ficava somente ele com paciente, ninguém mais ficava com ele. Se houvesse alguém perto do pajé, ou vendo escondido, esta pessoa adoecia ou até mesmo morria.

Por isso, não podia ver ou ficar perto do pajé. Hoje em dia não tem mais pajé do povo Hexkaryana da Aldeia Kassawa (Participante C).

Alguns indígenas, como Waraka, Kaywerye, Mahxawa e Txunu, do povo Hexkaryana, também utilizavam o canto como prática de cura, ou toque no corpo do paciente, utilizando plantas medicinais. Nessas práticas de cura, tanto o canto como o toque poderiam ser realizados em adultos e crianças.

Atualmente, alguns indígenas ainda praticam esses rituais de cura, mas de forma escondida, porque eles foram proibidos pelos missionários. Assim, é possível dizer que os indígenas Hexkaryanas praticam resquícios dos rituais antigos, com a utilização de plantas medicinais, canto ou o ritual do toque no corpo para a cura. Mas a pajelança, em si, já não é mais praticada hoje em dia.

Essas práticas ditas acima, assemelham-se com os encontrados nos estudos de De Lourdes Soares et al. (2023) que ao analisarem a cultura do povo indígena Tabajara e os rituais de cura através da dança Toré, realizadas por eles, demonstram a figura do pajé como principal detentor de poder espiritual e responsável pelas práticas de curas dos enfermos da aldeia, utilizando a fitoterapia com sabedoria, através do emprego de ervas e chás para a terapia medicamentosa, visando a cura e o alívio das doenças.

Assim, os enfermos são conduzidos a rituais tribais onde são aplicadas abordagens terapêuticas enriquecidas com elementos como magia, substâncias psicoativas, música, canto, instrumentos musicais, trajes especiais e danças, todos realizados com a participação ativa da família e da comunidade.

Esses resultados nos revelam o quanto é importante que se conheça mais as práticas dos indígenas da Aldeia Kassawa, a fim de possibilitar políticas públicas voltadas para a valorização e autonomia destes povos, para quem tenham o direito de exercer sua cultura de forma livre, sem que haja pressões advindas da cultura ocidental contra os seus saberes.

### **3.2 Os elementos utilizados nos rituais de cura**

De acordo com os participantes do estudo, os elementos vegetais que eram e ainda são utilizados em processos de tratamento e cura são: casca do morototozeiro, carapanaúba (na nossa língua é *watake*), e gengibre (na nossa língua

é *makrataye*).

Os elementos animais são: fel de paca (*ereskuru*) e dente de macaco (*meku*). Antigamente, caso o doente não apresentasse melhoras, ou piorasse de estado de saúde, após utilizarem esses tratamentos em casa, estes eram levados ao pajé, que era visto como um médico para os indígenas enfermos. Porém, após a chegada dos missionários, veio a cristianização, e as patologias começaram a ser tratadas com medicamentos de laboratórios.

Semelhante a este estudo foi o de Karajá (2017), que em sua pesquisa com os indígenas anciãos do povo Javaé, identificou que eles utilizam ainda muito elementos no tratamento e cura de doenças, como plantas medicinais, dentre elas “pimenta-de-macaco”, que trata infecções, o jatobá para febre, o urucum usado para hidratar a pele e tratar coceiras, casca da árvore ipê para dor de estômago e gastrite, dentre outras.

Javaé (2019), em pesquisa sobre as práticas de saúde/doença e espiritualidade de em seu povo Javaé, também identificou que estes usam elementos para rituais de magias. Por exemplo, para o desenvolvimento dos corpos, eles correlacionam os conhecimentos que possuem sobre os pássaros, utilizam unhas de alguns gaviões para riscar os braços das crianças, para que elas adquiram habilidades para se tornarem boas atiradoras de flechas.

Com relação ao atendimento à saúde, na Aldeia Kassawa, outro indígena participante da pesquisa destacou que

Quando os indígenas se reuniram pela primeira vez na aldeia Kassawa, os missionários montaram um posto básico de atendimento à saúde, daí que surgiu o atendimento indígena. Depois disso, a saúde indígena foi para a Funai, que ficou responsável dos indígenas doentes. Assim, ela ficou responsável pela Funasa, depois da Funasa ficou a SESAI, que ainda está responsável pelo povo Hexkaryana (Participantes D).

Essas informações contribuem para que tenhamos uma compreensão do atendimento básico à saúde na Aldeia Kassawa. Hoje, a Saúde Indígena funciona com uma equipe de profissionais, divididos em Agentes Indígenas de Saúde, Técnicos de Enfermagem, Enfermeiros e Médicos, conforme o participante D. E mesmo assim, segundo os relatos, ainda há algumas tradições de cura e espiritualidade entre os Hexkaryana. Contudo, muito de nossas tradições foram perdidas.

#### 4 CONCLUSÃO

Neste estudo que teve o objetivo de descrever e analisar a história do povo Hexkaryana, com ênfase nas práticas de saúde, doenças e espiritualidade, na Aldeia Kassawa, podemos dizer que os relatos dos participantes do estudo indicam que há necessidade de descrever e registrar os saberes tradicionais de nosso povo.

Ficou claro que os saberes ancestrais Hexkaryana, tradicionalmente utilizados nos processos de saúde/doença, foram desvalorizados e embargados pelos missionários com a imposição dos conhecimentos ocidentalizados. E que embora isso tenha acontecido, atualmente, alguns indígenas ainda praticam esses rituais de cura de forma escondida, por meio do canto ou do toque no corpo do paciente, utilizando plantas medicinais.

É necessário que tais práticas, que estão se perdendo, sejam respeitadas e passadas para os indígenas mais novos da aldeia, afim de fortalecer os conhecimentos advindos dos anciãos e anciãs Hexkaryanas acerca das plantas medicinais e do saber cosmológico dos rituais, e de sua importância para a medicina tradicional.

## REFERÊNCIAS

AHMADPOUR, Bahiyyeh; TURRINI, Ruth Natalia Teresa; CAMARGO-PLAZAS, Pilar. Resolutividade no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS): análise em um serviço de referência no Amazonas, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 1757-1766, 2023. Disponível em: Acesso em 30 Ago 2023.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Povos Indígenas No Brasil. **Instituto Socioambiental**, 2021. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/>>. Acesso em 30 Ago 2023.

CARNEIRO, Raquel Gomes. Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê. 2019.

CERQUEIRA, Bruno da Silva Antunes de. A demarcação territorial indígena e o problema do " marco temporal": o Supremo Tribunal Federal e o indigenato do Min. João Mendes de Almeida Júnior (1856-1923). 2016.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Cosmologia e História Waiwai e Katxuyana: sobre os Movimentos de Fusão e Dispersão dos Povos (Yana). In.: GRUPIONI, D. F; ANDRADE, L. M M. de. (org.). **Entre Águas Bravas e Mansas, índios & quilombolas em Oriximiná**. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo: Iepé, 2015.

DE LOURDES SOARES, Maria et al. **Espiritualidade Tabajara**: o Toré como abordagem integrativa cultural e de valorização da qualidade de vida. Editora Licuri, p. 51-58, 2023.

GARNELO, Luiza. Política de Saúde Indígena no Brasil: notas sobre as tendências atuais do processo de implantação do subsistema de atenção à saúde. In: GARNELO, Luiza; PONTES, Ana Lúcia. **Saúde Indígena**: uma introdução ao tema. Brasília, DF: MEC-SECADI, 2012. p. 18-58.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HELMS, Henrique. A aviação como vetor de disseminação de enfermidades: " as doenças que vêm voando". 2018.

JAVAÉ, Ricardo Tenaxi. **Nas águas do rio Javaés**. Histórias, cosmologia e meio ambiente. 2019.

KARAJÁ, I. O. Plantas Medicinais Javaé. In: SILVA, L. J.; NASCIMENTO, A. M.; NAZARENO, E.; RIBEIRO, J. P. M. (org.). **Documentação de Saberes Indígenas**. Goiânia, GO: Ed. Imprensa Universitária, 2017. v. 4, p. 185-195.

MAGGI, Ruben Schindler. A saúde indígena no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 14, p. 13-14, 2014.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES,

R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MISSIONÁRIO, Conselho Indigenista. **A Política de Atenção à Saúde Indígena no Brasil. Breve recuperação histórica sobre a política de assistência à saúde nas comunidades indígenas**, 2013.

PONTES, Ana Lúcia de Moura; MACHADO, Felipe Rangel de Souza; SANTOS, Ricardo Ventura. **Políticas antes da política de saúde indígena**. Editora Fiocruz, 2021.

PONTES, Ana Lucia de Moura; REGO, Sergio; GARNELO, Luiza. O modelo de atenção diferenciada nos Distritos Sanitários Especiais Indígenas: reflexões a partir do Alto Rio Negro/AM, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3199-3210, 2015.

POVO INDÍGENA HIXKARIYANA. **Comissão Pró-Índio de São Paulo**, © 1995-2022. Disponível em: <https://cpisp.org.br/quilombolas-em-oriximina/indios-e-quilombolas/povos-indigenas/hixkariyana/>. Acesso em: 03 Set 2023.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Instituto Socioambiental**, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Hixkaryana>. Acesso em: 12 Dez 2023.

**Protocolos próprios de Consulta e Consentimento Prévio dos Povos Indígenas do Território Wayamu**. Santarém -PA, 2020.

ROYO, Simón. Edward S. **Curtis y los indios norteamericanos: unas fotografías quemerecen ser vistas, unos libros que han de ser leídos**. 2004.

SOUZA, do Povo Macuxi de Roraima. I Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas–FOPPELIN. **POVOS INDÍGENAS**, 2016. p. 25.

TEIXEIRA, Carla Costa; GARNELO, Luiza. **Saúde Indígena em perspectiva: explorando suas matrizes históricas e ideológicas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014. 262 p.

WEISS, Maria Clara Vieira. Direitos indígenas e políticas públicas de saúde no Brasil: passivo social ou “Ninguendade”? **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 29, p. 126-142, 2023. Disponível em: Acesso em 30 Ago 2023.

## Apêndices

**Apêndice 1-** Vista aérea da aldeia Kassawa-Alto Rio Nhamundá



**Fonte:** Joaquim Teryekorye.

**Apêndices 2 - Registro de algumas das entrevistas realizadas com indígenas do povo Hexkaryanana Aldeia Kassawa**





Fotos: Joaquim Teryekorye.

### Apêndice 3 - Roteiro de perguntas



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
CAMPUS DE ORIXIMINÁ  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

#### **ROTEIRO DE PERGUNTAS**

Graduando pesquisador: Joaquim

Teryekorye Profa Orientadora.: Eldra

Carvalho da Silva **DADOS PESSOAIS:**

1 Nome completo:

2 Nome indígena:

3 Etnia:

4 Aldeia e Território:

5 Formação: ( ) Ens. Fund. ( ) Ens. Méd. ( )

Ens. Sup.: 6 Curso na Formação:

7 Instituição:

Conclusão:

Atuação profissional:

7 Idade:

8 Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) outros

9 Estado Civil: ( ) Casado ( ) Solteiro ( ) outros

#### **TEMAS ABORDADOS NA ENTREVISTA**

1 Vida na Aldeia, saberes ancestrais e tradicionais;

2 Medicina tradicional e práticas indígenas de cura;

3 Os serviços convencionais de saúde e os desafios da Saúde Indígena.

**PERGUNTAS: VIDA NA ALDEIA, SABERES ANCESTRAIS E TRADICIONAIS**

1. O que significa Kassawá? como surgiu Aldeia?
2. Você pode falar um pouco de sua vida, quando criança, na aldeia?
3. O que mais mudou na vida da aldeia de quando você era criança para os dias de hoje?
4. A alimentação mudou muito de quando você era criança para hoje? O que mais mudou na alimentação?
5. As doenças de hoje são as mesmas de antigamente? Quais eram as doenças mais comuns antigamente? E quais são as doenças mais comuns hoje?
6. Antigamente tinham rituais de passagem dos jovens para a fase adulta? E hoje, como acontece?
7. Como eram passados os conhecimentos sobre coleta, a pesca e caça de plantas e animais usados para alimentação, ornamentação, rituais de passagem, religião e outros eventos na aldeia? Como esse conhecimento está sendo transmitido hoje?
8. Quando você adoecia, como eram realizados os cuidados com a sua saúde? Quem fazia?
9. Quando uma criança ficava doente na aldeia, como ela era tratada? Por quem?
10. Você pode contar uma situação grave de saúde vivenciada por algum indígena na aldeia e como ele foi curado?
11. Você acha importante a manutenção dos saberes ancestrais e tradicionais indígenas na cura de doenças? Por quê?

**12. Você acha que há barreiras/dificuldades para que os saberes tradicionais de saúde indígena se mantenham preservados? Quais são?**

**PERGUNTAS: MEDICINA TRADICIONAL E PRÁTICAS INDÍGENAS DE CURA**

1. **Você vivenciou alguma situação grave em que a sua saúde esteve em risco? Como esta situação foi resolvida?**
2. **Como se dão na aldeia as práticas indígenas de cura? Como é feito? Quem participa? Que elementos são utilizados?**
3. **Você pode contar um caso na aldeia indígena em que possamos visualizar a eficácia das práticas indígenas de cura?**
4. **Quais são os elementos vegetais e animais utilizados pelos indígenas nas práticas indígenas de cura? Como são utilizados?**
5. **Como são realizados os tratamentos espirituais nas práticas indígenas de cura? Quem orienta esses tratamentos?**
6. **No caso em que não haja recursos para remover um indígena doente para a cidade, como vocês lidam com essa situação? O que fazem? Como fazem?**

**PERGUNTAS: OS SERVIÇOS CONVENCIONAIS DE SAÚDE E OS DESAFIOS DA SAÚDE INDÍGENA**

1. **Como a atenção à saúde indígena funciona atualmente na aldeia?**
2. **Quais órgãos estão envolvidos na saúde indígena?**
3. **Quando um indígena adoece, como são feitos os tratamentos? Quem faz? Quais são os procedimentos adotados no atendimento à saúde indígena na aldeia?**

4. Quais críticas você faria ao atendimento à saúde indígena na aldeia?
5. Há relação entre os tratamentos espirituais nas práticas indígenas de cura e os serviços convencionais de saúde indígena?
6. Você acha importante que o atendimento à saúde indígena na aldeia considere os tratamentos espirituais e os tratamentos indígenas de cura utilizando vegetais e animais? Por quê?

### PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

**Obs.:** As falas provenientes dos **eixos 1, 2 e 3** devem ser descritas e enquadradas em cada **tema** abaixo, de acordo com a sua relação de pertinência. Os temas provavelmente serão as categorias de análises dos dados. Eles estão relacionados aos objetivos do estudo.

**Apêndice 4-** Percurso do discente Joaquim Teryekorye até a Aldeia Kassawa, local das entrevistas.



**Fotos:** Joaquim Teryekorye.